



# QUADRO MACROECONÓMICO E MERCADO LABORAL LIMITAM COMPETITIVIDADE

A ligeira subida de Portugal no ranking da competitividade global do World Economic Forum não esconde a debilidade estrutural do País. Contas públicas, rigidez do mercado laboral e dificuldade de acesso ao crédito por parte das empresas são obstáculos a remover.

Por **Pedro Fonseca de Castro**

**P**ortugal subiu, este ano, um lugar no ranking global de competitividade do World Economic Forum (WEF), ficando-se na 45.ª posição, embora continue a evidenciar fortes entraves ao crescimento económico e ao desempenho das empresas no mercado internacional.

Destacam-se, enquanto obstáculos a uma melhoria da competitividade, o ambiente macroeconómico, o mercado laboral e a dificuldade de acesso

financiamento das empresas estarem a níveis inéditos, numa altura em que “é preciso preparar as empresas para o futuro, refinanciando a dívida existente”. Ângelo Paupério fez ainda alusão ao sector das telecomunicações em particular, referindo que o bom desempenho de Portugal nesta área “resulta de um grande esforço de investimento privado”, em contraste com as infra-estruturas, em que Portugal também se destaca entre os 142 países analisados.



Empresários defendem reformas estruturais e apoio à actividade exportadora.

Foto OJE/Victor Machado

## Rui Semedo, presidente do Banco Popular

“Os bancos têm o mesmo problema das empresas, não têm acesso ao crédito. Os recursos não são canalizados para Portugal, os credores deixaram de confiar em nós”



## Pedro Ferraz da Costa, Forum para a Competitividade

“O problema do financiamento não foi considerado no acordo com a troika. Vão faltar-nos dezenas de milhares de milhões de euros”



ao financiamento, um problema agravado pela ajuda financeira internacional e respectivos efeitos sobre a confiança dos mercados. Neste quadro, António Correia, partner da PricewaterhouseCoopers, sublinha que “é cada vez mais premente a necessidade de estabilidade macroeconómica e de flexibilização laboral”. No âmbito da apresentação do Relatório Global de Competitividade 2011-2012, que decorreu ontem em Lisboa, António Correia reforçou ainda que o acesso ao financiamento foi a maior preocupação manifestada pelos 136 empresários portugueses inquiridos pelo WEF.

Por seu lado, o CEO da Sonaecom advertiu para o facto de os custos de

O problema da subida dos custos de financiamento das empresas mereceu também a atenção de Carlos Martins, com o presidente da Martifer a defender que a queda do rating da República penaliza a competitividade externa, um facto agravado pela subida dos custos de acesso às garantias bancárias. A pesquisa do World Economic Forum remete Portugal para o 128.º posto em termos de taxa de poupança, com o presidente do Banco Popular a alertar para o facto de o crédito bancário representar hoje 150% dos depósitos, quando, há 15 anos, se fixava na fasquia dos 100%. Rui Semedo mostra-se pessimista neste domínio, uma posição alicerçada no facto de os depósitos serem já

equivalentes ao Produto Interno Bruto (PIB), pelo que “não vão subir”.

O responsável máximo da Martifer defende como alavanca da competitividade a existência de “mais bancos e mais competitivos” no mercado financeiro nacional, fazendo alusão à experiência da fabricante de estruturas metálicas, que consegue taxas de juro mais atraentes no exterior, dando como exemplo a Roménia, onde “o financiamento custa metade do que custa em Portugal”.

## DESALAVANCAGEM PENALIZA EMPRESAS

Perspectivando o futuro, Rui Semedo sublinha que o ajustamento da alavancagem da banca até aos 120% vai ter um impacto significativo sobre a economia e a competitividade, uma vez que “reduzir o crédito em 30 mil milhões de euros vai ser um processo doloroso”. Na procura de respostas para a falta de liquidez na economia portuguesa, evidenciada no “The Global Competitiveness Report 2011-2012”, o acesso aos fundos europeus pode ser visto como uma solução intermédia. No entanto, segundo Nelson de Souza, gestor do Programa Compete+, “não é possível pedir às iniciativas públicas que substituam o papel central da banca no financia-

## Carlos Martins, presidente da Martifer

“As empresas, tal como os países, não têm sucesso sem uma classe média forte. Por isso, apostámos muito nos nossos quadros intermédios”



ção entre os 142 países.

No campo das finanças públicas, Portugal, apesar de ter invertido a tendência de queda no ranking pela primeira vez desde 2005, continua a ser um dos países com pior desempenho. Assim, o elevado défice público (122.º lugar), a dívida pública desproporcionada (128.º) e a ineficiente aplicação dos fundos públicos (137.º) são factores que retiram competitividade ao tecido empresarial português.

Depois de Pedro Ferraz da Costa, responsável do Forum para a Competitividade, ter referido que o País registou “um crescimento dos salários acima da produtividade, o que roubou competitividade externa”, e de ter alertado para a urgência de “reduzir as necessidades de financiamento do Estado”, o secretário de Estado do Empreendedorismo, Competitividade e Inovação reconheceu que “o mercado de trabalho é um dos principais factores a alterar”. Carlos Nuno

lugar no quadro dos 27 países da União Europeia (UE), foram a disponibilidade de acesso às Tecnologias de Informação (16.º) e a qualidade das infra-estruturas (12.º). O critério em que o País mais se destaca é, no entanto, o das tarifas comerciais, em que ocupa o quarto lugar geral.

Segundo Ilídio Seródio, vice-presidente da Proforum, é necessário intensificar as reformas estruturais, bem como “uma aposta e focalização nos estímulos às Pequenas e Médias Empresas (PME)”.

## SUÍÇA LIDERA E EUA APROFUNDAM QUEDA

A Suíça lidera o ranking global de competitividade do World Economic Forum (WEF), seguida por Singapura, que substituiu a Suécia no segundo lugar do pódio. Refira-se que os principais pontos fracos da economia helvética são as barreiras e taxas de comércio.

Os países nórdicos e da Europa Ocidental dominam o top 10, com o terceiro lugar da Suécia, o quarto da Finlândia, o sexto da Alemanha, o sétimo da Holanda, o oitavo da Dinamarca e o décimo do Reino Unido. Destaque para os EUA, maior economia mundial, que agravaram a tendência de queda, recuando do quarto para o quinto lugar, penalizados pela falta de estabilidade macroeconómica e pelo fraco desempenho das instituições públicas e privadas. Por seu lado, os BRICS assumem um protagonismo crescente, com Brasil (53.º) e China (26.º) a subirem, enquanto Rússia (66.º) e Índia (56.º) perdem lugares. Como curiosidade, os restantes países-membros da CPLP com presença no ranking do WEF ocupam as seguintes posições: Cabo Verde (119.º), Timor-Leste (131.º), Moçambique (133.º) e Angola (139.º).

## Carlos Nuno Oliveira, secretário de Estado do Empreendedorismo, Competitividade e Inovação

“O Estado tem de ver as empresas um pouco como clientes. É ainda necessário reformular o papel estatal na economia, passando de agente activo a regulador”



mento da economia”. Recorde-se que a capacidade financeira do QREN se limita a 7 mil milhões de euros para a área da competitividade ao longo de sete anos.

Como referido, um dos principais entraves à melhoria da competitividade da economia nacional consiste na rigidez do mercado laboral. Neste sentido, o trabalho do WEF coloca Portugal na cauda da lista (140.º lugar) no item de despedimento e contratação, com o desempenho em termos de indexação dos salários à produtividade a não ir além da 112.ª po-

Oliveira salientou, apesar de tudo, que a conjuntura de crise é uma oportunidade para as empresas “olharem para outros mecanismos de financiamento”, aludindo aos mercados de capitais (obrigações) e mesmo ao capital enquanto fonte de financiamento, através da entrada de fundos ou parceiros estratégicos.

## PORTUGAL NA CAUDA DA UE

Refira-se ainda que os factores que mais contribuíram para a ligeira subida de Portugal no ranking global da competitividade, onde ocupa o 18.º

## Ângelo Paupério, CEO da Sonaecom

“O financiamento externo também pode ser uma dificuldade. Temos créditos aprovados, mas os bancos esperam para reduzir o crédito a outras empresas portuguesas para nos concederem a nós”





ID: 37358341

08-09-2011



# PORTUGAL SOBE NO RANKING DA COMPETITIVIDADE MAS AINDA HÁ OBSTÁCULOS

AESE DISCUTE RELATÓRIO GLOBAL DO WEF PARA 2012

PÁG. 3